



William Godwin

Introdução de Débora Almeida de Oliveira¹

Escritor inglês e criador de um extenso leque de obras, William Godwin foi jornalista, romancista, ensaísta político e autor infantil. Nascido em Cambridgeshire em 03 de março de 1756 e falecido em 07 de abril de 1836, William Godwin consagrou-se, principalmente, por seus ideais políticos libertários, contribuindo para a fundamentação das bases filosóficas da política anglo-saxã atual. Controverso não somente na vida pública profissional mas também na vida privada, Godwin viria a se envolver com a polêmica feminista Mary Wollstonecraft, chocando a sociedade por incentivar as idéias radicais de libertação feminina de sua companheira. Sob influência de Mary, que se tornaria sua primeira esposa e mãe da futura escritora Mary Shelley, o autor absorve as idéias de igualdade sexual. Após o falecimento da esposa durante o parto, em 1798 Godwin aventura-se também na biografia, escrevendo as memórias de Mary Wollstonecraft (*Memoirs of the Author of A Vindication of the Rights of Women*), livro extremamente descomposto pelos amigos de Mary e pela crítica.

Tido como um dos precursores do anarquismo e do utilitarismo, Godwin questionava o sistema político, a legislação, a justiça e a política econômica. Escrita em 1793, sua primeira obra, *Inquérito acerca da Justiça Política e sua Influência na Virtude e Felicidade Geral* (*Enquiry Concerning Political Justice and its Influence on General Virtue and Happiness*), toca as noções rudimen-

¹ Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Letras da UFRGS.

tares do que seria o anarquismo. Nessa obra o autor opõe-se ao governo, por acreditar ser este um mal que corrompe a sociedade, mas que findará tão logo o homem adquira conhecimento, instrução e sabedoria. Como utilitarista filosófico e político, ele julgava as ações (ou falta delas) por suas consequências para o coletivo. Sendo assim, cada decisão ou ação é julgada de acordo com o benefício obtido para a coletividade. Em 1797, William Godwin publica outra obra de cunho político muito importante, *O Inquisidor: Reflexões sobre Educação, Costumes e Literatura* (*The Enquirer. Reflections On Education, Manners, And Literature*). Ambos os trabalhos caracterizam-se por ser um apanhado de ensaios político-filosóficos. Não coincidentemente, o título da segunda obra aqui mencionada faz referência ao título da primeira.

Em *O Inquisidor: Reflexões sobre Educação, Costumes e Literatura*, William Godwin escreveu dezesseis ensaios na primeira parte do livro e doze na segunda, o que rendeu uma média de quatrocentas páginas na edição original. *O Inquisidor: Reflexões sobre Educação, Costumes e Literatura* é a obra contemplada na presente tradução, realizada a partir de dois ensaios nela contidos. De modo geral, o autor trata da natureza humana e de como a sociedade está construída moral, filosófica e politicamente. Ao se referir à sociedade, o autor descreve como ela é e, principalmente, comenta como ela deveria ser. Já no prefácio o autor avisa que “os ensaios são principalmente o resultado de conversas”. Através de uma estrutura tradicional e padrão para esse tipo de obra, na Parte I Godwin apresenta esse “resultado de conversas” através de tópicos como “Da utilidade dos Talentos” (Ensaio II), “Do Estudo dos Clássicos” (Ensaio VI), “Da Educação Pública e Privada” (Ensaio VII) e “Da Felicidade da Juventude” (Ensaio VIII). Já na Parte II, os assuntos comportamentais do ser humano dão um pouco mais de espaço a questões sociais, como em “Das Riquezas e da Pobreza” (Ensaio I), “Dos Mendigos” (Ensaio III) e “Dos Negócios e Profissões” (Ensaio V). É interessante perceber que, dada a importância do assunto para o autor, quatro tópicos da Parte II possuem subtítulo. São eles “Da Reputação Individual” (Ensaio VII), “Da Diferença de Opiniões” (Ensaio IX), “Da Educação” (Ensaio X) e “Do Estilo Inglês” (Ensaio XII). Este último é, de longe, o ensaio mais longo da obra, no qual o autor debate os méritos de grandes autores da literatura britânica, como Shakespeare e Milton. As duras críticas endereçadas a Shakespeare, por exemplo, tornaram esse ensaio particularmente polêmico na época.

A tradução aqui apresentada contempla um ensaio contido na Parte I do livro. É traduzido “Do Acordar da Mente” (*Of Awakening the Mind*) em Ensaio I. Um olhar cuidadoso nesse tópico revela a linha condutora do raciocínio do autor – a busca pela felicidade, virtude e moral, qualidades que transformam o ser individual em um ser melhor em sua vida privada e, conseqüentemente, um ser melhor na vida pública, contribuindo para o desenvolvimento da sociedade.

O Inquisidor: Reflexões sobre Educação, Costumes e Literatura é uma obra de cunho nitidamente educacional, com o tom didático dos manuais de boas

maneiras tão em voga naquele período. Percebe-se com a tradução a seguir que William Godwin instrui o leitor a cultivar a mente através do aprendizado, para que, assim, lhe seja possível alcançar a virtude e a sabedoria. É interessante lembrar que, nesse aspecto, Godwin e sua esposa Mary Woolstonecraft são muito semelhantes. Afinal, Mary insistiu na importância da educação da mente como grande instrumento para a geração de virtude e felicidade no livro Reflexões sobre a Educação de Filhas: Com observações acerca da Conduta Feminina nas mais Importantes áreas da Vida (Thoughts on the Education of Daughters: With Reflections on Female Conduct, in the more important Duties of Life), em 1787. Trechos desta obra vêm traduzidos no capítulo sobre Mary Wollstonecraft de nossa publicação.

Sendo assim, é relevante a leitura do tópico escolhido para tradução nas páginas a seguir, pois ele exemplifica, de modo geral, o pensamento recorrente de William Godwin em toda sua obra a respeito do papel exercido pela mente bem cultivada no ser individual para o desenvolvimento do ser coletivo.